



Cruzamento vocabular: um subtipo da composição?

Lexical Blend: a subtype of composition?

Katia Emmerick ANDRADE

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ)

Roberto Botelho RONDININI

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ)

RESUMO

Este artigo analisa aspectos que aproximam e distanciam os processos de formação de palavras por cruzamento vocabular, a exemplo de namorido e boadrasta, e por composição, abelharainha e lança-chamas, sob a ótica de um continuum morfológico, nos moldes de Andrade (2013), já que uma classificação baseada em representantes prototípicos de cada operação parece não ser a mais adequada à realidade lexical. Caracterizamos tais processos, fundamentando-nos, prioritariamente, em Rio-Torto e Ribeiro (2011), para a composição, e em Andrade (2008) e Basilio (2003; 2005; 2010), para o cruzamento vocabular. Em virtude de suas características fonológicas, morfossintáticas e semântico-discursivas, o cruzamento vocabular deve ocupar posição de destaque, entre os processos de composição e derivação.

Palavras-chave: *Composição; Cruzamento Vocabular; Continuum composição-derivação.*

ABSTRACT

*This article analyzes the aspects that approximate and distance the processes of word formation through lexical blend, such as *namorido* and *boadrasta*, and through composition, *abelharrainha* and *lança-chamas*, from the viewpoint of a morphological continuum, in accordance with Andrade (2013), given that a classification based on the prototypical representatives of each operation does not seem the most adequate to the lexical reality. We have characterized such processes basing ourselves primarily on Rio-Torto e Ribeiro (2011) for the composition, and on Andrade (2008) and Basilio (2003; 2005; 2010) for the lexical blend. Due to its phonological, morphosyntactic and semantic-discursive characteristics, the lexical blend should occupy a prominent position between the processes of composition and derivation.*

Key-words: *Composition; Lexical Blend; Continuum composition-derivation.*

Palavras iniciais

A constatação de que os processos de composição e de derivação contribuem, inegável e frequentemente, para o surgimento de novas palavras complexas no português do Brasil não se mostra suficiente para o entendimento amplo das possibilidades de formação de novos termos vernaculares que se observa na atualidade. Nesse sentido, há processos, tais como a acronímia, o cruzamento vocabular, a reduplicação, o truncamento, a recomposição, dentre outros, que ainda ensejam um olhar mais aprofundado com vistas a analisá-los sob novas perspectivas que complementem a abordagem teórica tradicional, fundamentada no enquadre de formativos a partir de protótipos e na concepção de processo como módulo estanque e, portanto, não gradual.

Nessa perspectiva, o presente artigo objetiva comparar os processos de formação de palavras por composição e por cruzamento vocabular em virtude, principalmente, de entendermos que esse último não recebe o tratamento que lhe é cabível ao ser apreciado na literatura morfológica. Isso se deve ao fato de que o cruzamento vocabular, com frequência, fica subsumido a um tipo de composição por originar-se da adjunção

de duas bases, embora não se sujeite, perfeitamente, às operações fonológica e morfológica características da composição e da derivação, que são, sem sombra de dúvidas, processos altamente produtivos.

Ainda que compostos e cruzamentos vocabulares sejam construídos a partir de duas formas de base, visto que a composição consiste na combinação de, na maioria das vezes, duas palavras, a exemplo de *bomba-relógio*, *beija-flor* e *pé de moleque*, e o cruzamento vocabular, fusão de duas palavras morfológicas, como ocorre, dentre inúmeros outros exemplos, em *bestarel* (*besta* + *bacharel*), *mãedrasta* (*mãe* + *madrasta*), *namorido* (*namorado* + *marido*), *portunhol* (*português* + *espanhol*) e *sacolé* (*saco* + *picolé*), a nosso ver, cada um deles apresenta propriedades fonológica, morfológica e semântica que os particularizam.

Com o propósito de conceder autonomia ao processo de cruzamento vocabular e, em decorrência, posicioná-lo em um lugar de destaque na formação de palavras, ao lado da composição regular, incorporamos, neste trabalho, mesmo que parcialmente, propriedades fonológica, morfosintática e semântica relativas a estes dois relevantes mecanismos de enriquecimento lexical – composição e cruzamento vocabular –, consoante não só aos modelos tradicionais de descrição linguística, mas também às novas tendências de análise. Assim, o texto divide-se em quatro partes, para além das Palavras iniciais e Palavras finais, tem-se a Composição e o Cruzamento Vocabular, em que, naquela, elencamos, brevemente, as principais características do processo de formação de palavras por composição e, nesta, analisamos, com mais vagar, o processo morfológico de cruzamento vocabular. Por fim, comparamos esses dois processos, apontando as diferenças e semelhanças entre eles, a fim de demonstrar que o cruzamento vocabular, embora partilhe características com outras operações que atuam na combinação de duas palavras existentes na língua, é passível de adquirir um estatuto morfológico independente.

Composição

Conceituar a composição não é uma tarefa simples, uma vez que, em uma abordagem estruturalista, define-se pela presença de dois ou

mais radicais; em modelos teóricos de base gerativa, o mecanismo é compreendido como a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais (cf. JACKENDOFF, 1975). Sob o enfoque cognitivista, mais especificamente pela Morfologia Construcional (BOOIJ, 2009), a composição é vista a partir de esquemas generalizados (esqueletos desprovidos de informação proposicional), que são preenchidos, mediante o conhecimento lexical do falante, com palavras existentes na língua, inter-relacionadas formal, sintática e semanticamente.

Seja qual for o caminho escolhido para se definir uma palavra composta, o fato é que, em português, e em muitas outras línguas, a composição é um dos processos mais utilizados para formação de novas palavras, que resultam da junção de duas bases livres ou presas (raramente mais do que isso). Consideramos “presas as bases (a) que não têm livre curso na língua e (b) que participam apenas de construções morfológicamente complexas”; e bases livres “todas as formas (a) consideradas como ponto de partida para formação de outras palavras ou (b) que atuam como formas livres na língua” (RONDININI, 2004: 62-63).

Nos casos mais simples, os de compostos estruturados binariamente, uma das bases nominais, a cabeça lexical, é modificada/especificada pela outra, a não-cabeça. Cabe destacar que o termo “cabeça lexical” está sendo aqui empregado diferentemente da recente proposta de Scalise *et al.* (2009) que considera a tripartida distinção entre cabeças categoriais, morfológicas e semânticas. Entendemos que a cabeça lexical subsumem cabeças categoriais e morfológicas, responsáveis, respectivamente: (a) pela classe gramatical de todo o composto, a exemplo de *escola-modelo*¹, em que a cabeça *escola* determina a categoria gramatical do produto; e (b) por características como gênero e número, como se observa em *navio-escola*, em que a cabeça *navio* impõe as flexões morfológicas na palavra composta. Com relação à cabeça semântica, esta funciona como um hiperônimo do todo, como nos casos de *futebol de areia* e *futebol de salão*. Esses compostos denotam dois hipônimos de *futebol*, sua cabeça semântica. Ao contrário, os compostos *puxa-saco* e *criado-mudo* não apresentam cabeça semântica, porque nenhum de seus constituintes funciona como um

1. Ao longo do texto, os constituintes-cabeça aparecem em negrito.

hiperônimo do todo. Portanto, consideramos apenas duas noções de cabeça: a lexical e a semântica.

De acordo com a natureza morfossintática do constituinte-cabeça, um composto pode apresentá-lo tanto à esquerda, a exemplo de *trem-bala*, *salário-família*, *camisa de força*, quanto à direita, como em *video-locadora*, *autoescola*, *hidrófilo*, ou, ainda, não ter componente-cabeça algum (cf. VILLALVA, 2000), como em *guarda-chuva*, *para-raios*. O constituinte-cabeça de um composto não só é relevante pelas suas propriedades formais, mas também pela interpretação semântica do todo, como ocorre em *trem-bala* que denota um tipo particular de *trem*, não um tipo particular de *bala*. Enfim, o componente não-cabeça modifica/especifica/restringe o significado do componente-cabeça.

Em português, uma palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, mas, muitas das vezes, dissociada das noções expressas pelos seus componentes, como, por exemplo, *copo-de-leite* ('nome de uma flor') e *criado-mudo* ('nome de um móvel'). Portanto, o significado dos compostos não é necessariamente previsível. Isso acontece quando uma interpretação literal não é possível e outras habilidades cognitivas relacionadas à construção do significado (p. ex., a metáfora e a metonímia) são ativadas pelo falante, a fim de garantir uma interpretação adequada, conciliando os significados dos componentes e o significado do todo.

Desse modo, podemos inferir que os compostos de leitura não-composicional (cf. SANDMANN, 1989), em que o significado do todo não é deduzido pela soma das partes (*Pão de Açúcar* 'montanha', *pão-duro* 'avarento'), aproximam-se bem mais a unidades lexicais, tais como as expressões idiomáticas (*pé na cova*) e itens lexicais monomorfêmicos (*boi*) do que aqueles cujo significado resulta da análise de seus componentes (*porta-lápis*, *paraquedas*), o que nos leva a considerar que, também, em português, os compostos transitam entre expressões lexicais e derivacionais, consoante as propostas de Booij (2005), para o holandês e de Kastovsky (2009), para o inglês.

Do ponto de vista fonológico, tradicionalmente, afirma-se que a composição se dá por justaposição ou por aglutinação das palavras combinadas. Na justaposição, as palavras-base conservam autonomia fonética, isto é, preservam o acento e os segmentos que as constituem,

permanecendo, na forma composta, a delimitação vocabular entre as bases, como em *girassol*, *passatempo*, *quadro-negro* e *peso-pesado*. Já na aglutinação, as bases envolvidas perdem a limitação vocabular entre elas, devido à supressão ou alteração de algum segmento, por sândi interno, como a elisão observada em *planalto* (*plano* + *alto*), ou a crase, em *aguardente* (*água* + *ardente*), fazendo com que, sobre a palavra composta, recaia um único acento lexical.

Em síntese, na justaposição, são preservadas a estrutura e a pauta acentual das bases combinadas, resultando duas palavras prosódicas e uma morfológica; na aglutinação, as matrizes perdem material fônico e os acentos lexicais, prevalecendo isomorfia entre a palavra prosódica e a morfológica. Embora tais processos fonológicos sejam apresentados como aspectos peculiares da composição, podem ser também verificados, com frequência, na derivação. Tomemos como exemplo a sufixação prototípica *sapateiro*, em que a palavra-base, uma paroxítona, *sapato*, perde a vogal -o (em geral, denominada de vogal temática) e a pauta acentual.

Nesse contorno, Villalva (2000) atenta para o fato de que as gramáticas tradicionais confundem o conceito de composição com o de lexicalização, e, por isso, não se dão conta de que justaposição e aglutinação não são processos distintos, mas sim dois estados ou graus em que as palavras compostas se encontram dentro de um mesmo processo: o de lexicalização. Nas palavras da autora,

“o que, na verdade, se constata é que os compostos por justaposição sofrem apenas uma lexicalização semântica, enquanto que, nos compostos por aglutinação, a lexicalização não é só semântica, mas também formal, ou seja, a estrutura morfológica do composto é perdida” (VILLALVA, 2000: 347).

Assim, formas inicialmente compostas, uma vez lexicalizadas, ao atingirem o final de sua trajetória de lexicalização, dão origem a uma palavra com pauta acentual única. E, como tal processo está comprometido com a mudança do sistema linguístico, essas unidades aglutinadas raramente surgem em uma dada sincronia, sendo, portanto, improdutivas. Sinalizando que ainda se encontram em processo de lexicalização, tais palavras costumam admitir duas grafias, como é o caso de *hidroelétrica* ou *hidrelétrica* e *hidroavião* ou *hidravião*.

A composição, em português, gera, na grande maioria das vezes, substantivos, a partir de diferentes componentes lexicais (formas livres e presas), combinados de acordo com suas características semânticas e gramaticais, funcionando como uma única unidade de significação no léxico mental. Sendo um processo de natureza morfo-sintático-semântica, atribuem-se aos compostos diversificadas análises e classificações. Pesquisas, como, por exemplo, as de Sandmann (1989), Moreno (1997), Lee (1997), Rio-Torto (1998), Villalva (2000), e, mais recentemente, as de Santos (2009), Rio-Torto e Ribeiro (2011), Faria (2011), dentre inúmeras outras, confirmam não só a complexidade do assunto, como também dão mostras dos diferentes aportes teóricos de que se lançam mão para a descrição do fenômeno.

Lee (1995; 1997), por exemplo, com base nos pressupostos da Morfologia Lexical, quadro que rejeita a hipótese de que os compostos sejam derivados de sentenças, defende a existência de dois tipos de compostos no português do Brasil: compostos lexicais (“compostos verdadeiros”, correspondentes a objetos morfológicos) e compostos pós-lexicais (“pseudocompostos”, correspondentes a palavras sintáticas reanalisadas). Segundo o autor, os compostos lexicais formam-se no léxico e são sintaticamente opacos, ou melhor, comportam-se como uma palavra simples em relação aos processos morfossintáticos, pois não permitem flexão, derivação, nem concordância entre os constituintes (*cine-clube*, *luso-brasileira*); os compostos pós-lexicais são formados no componente sintático, e, por isso mesmo, são sintática e morfológicamente transparentes, visto admitirem flexão, derivação e concordância entre os seus constituintes, que funcionam como unidade independente nas operações morfológicas (*fim de semana*; *salário mínimo*).

De uma outra perspectiva, Rio-Torto e Ribeiro (2011), fundamentadas no modelo proposto por Bisetto e Scalise (2005), classificam os compostos do português europeu contemporâneo, dividindo-os em três classes, determinadas pelo tipo de relações gramaticais entre os seus constituintes: (1) coordenados (apositivos e copulativos), (2) subordinados e (3) atributivos. Nos coordenados, os constituintes pertencem obrigatoriamente à mesma categoria lexical e são ligados por um operador aditivo, explícito (*leva e traz*; *vai e vem*) ou implícito (*surdo-mudo*, *italo-brasileiro*). Os compostos subordinados são constituídos de dois

elementos unidos por uma relação predicator-argumento, ou seja, uma relação subordinativa, a exemplo de *funcionário-fantasma*, *cancerígeno*, *casa de abelha* ('espécie de ponto de costura'). Por fim, nos atributivos, os componentes estabelecem entre si uma relação modificado-modificador, como nos casos de *sofá-cama* e *palavra-chave*.

Quanto à presença *versus* ausência de um constituinte-cabeça (*headedness*), que define, nesta ordem, a noção de endocentricidade e exocentricidade, Rio-Torto e Ribeiro (2011) organizam os compostos em três grupos: (a) com uma cabeça (*guarda-noturno*, *pé de anjo* e *ciclovía*); (b) com dupla cabeça, em geral os coordenados, (*surdo-mudo* e *franco-brasileiro*); e (c) compostos com não-cabeça (*para-raios*, *sabe-tudo*, *vai-volta*).

No caso dos compostos do tipo (c), as propriedades das bases em relação às características morfológica, categorial e semântica não são transmitidas para o composto, fenômeno denominado por Scalise *et al.* (2009) de "Exocentricidade Categorial Absoluta" que, em português, bem como em italiano, ocorre, sistematicamente, em substantivos formados com os padrões (Verbo+Verbo) *vaivém*, (Verbo+Pron.) *cura-tudo* e (Verbo+Adv.) *bota-fora*. Em decorrência, tanto a categoria lexical quanto o gênero da palavra composta emergem na sintaxe mediante a presença de um determinante, a exemplo de *o/a puxa-encolhe* 'indecisão irritante'.

Rio-Torto e Ribeiro (2011) esclarecem que existem muitos compostos que são categorial e morfológicamente endocêntricos, mas semanticamente exocêntricos, a exemplo de *pé de galinha* ('ruga no canto dos olhos'). Esse composto apresenta uma cabeça categorial e morfológica, *pé*, que não funciona como cabeça semântica, já que o composto como um todo não é hipônimo de nenhum de seus constituintes. Há também casos de compostos que são morfológica e semanticamente exocêntricos, mas categorialmente endocêntricos, como, por exemplo, *cabeça-chata* "indivíduo que nasceu do Nordeste do Brasil, esp. no Estado do Ceará" (HOUAISS, 2009), *mão-aberta* ('esbanjador') e *unha-de-fome* ('sovina') (esse, exemplificado pelas autoras). Tais formas compostas não apresentam cabeça morfológica, uma vez que nenhum constituinte transmite ao todo características morfológicas, como número ou gênero, nem tampouco cabeça semântica, mas a classe gramatical do todo

é determinada pela categoria lexical dos constituintes que funcionam como cabeça categorial, ou seja, respectivamente, pelos substantivos *cabeça, mão e unha*.

Contudo, são as relações gramaticais (coordenativas, subordinativas, atributivas e temáticas) estabelecidas entre os constituintes dos compostos que, provavelmente, trazem maior dificuldade para distinguir com precisão compostos de grupos sintáticos, sejam estes eventuais ou permanentes, nos termos de Sandmann (1989), uma vez que determinados padrões de compostos (p. ex. Subst.+prep.+Subst.: *pé-de-meia, cartão de visita*) apresentam configuração semelhante às estruturas sintáticas.

Ademais, a estrutura prosódica dos compostos, em português, não contribui para sua categorização separada de outras unidades, visto a posição do acento não ser um critério confiável para distinguir, por exemplo, compostos do tipo Subst.+Adj. (*roupa-branca*), Adj.+Subst. (*boa-vida*), Subst.+Subst. (*banana-maçã*) ou Subst.+prep.+Subst. (*água-de-colônia*) de seus grupos sintáticos correspondentes. Já em inglês, a partir da posição do acento, é possível diferenciar compostos de grupos sintáticos, uma vez que o acento, no composto, incide sobre o constituinte não-cabeça, que, nesta língua, sempre figura à esquerda (*blackbird* ‘melro’) e o acento frasal ocorre na cabeça, posicionada à direita, do sintagma nominal (*black bird* ‘pássaro preto’). Este critério não é aplicável em nosso idioma, porque, segundo Vigário (2002), o acento primário do composto sempre recai em sua última palavra prosódica.

Ainda do ponto de vista prosódico, uma situação que perturba a classificação uniforme dos compostos é o fato de algumas formações, mais especificamente, os compostos neoclássicos, ou seja, construções com bases presas de origem grega ou latina, apresentarem apenas uma palavra prosódica *carNÍvoro; antroPÓfago; hiDRÓfilo*; enquanto outros, duas, *SOcioPAta; TElepaTIA; AgromenSUra* (nesses exemplos, as sílabas com tonicidade estão em caixa-alta).

A flexibilidade que se observa nos critérios disponíveis para definição da classe dos compostos corrobora a concepção de que a linguagem não se estrutura em módulos estanques, fato que torna custosa a tarefa de demarcar fronteiras lexicais nítidas. Como a composição em português constitui uma categoria heterogênea e fronteira, ainda

mais quando se tem em mente diferenças e semelhanças entre compostos e grupos sintáticos, evidencia-se, mais uma vez, que um dos problemas para a classificação de palavras complexas é a tentativa de encaixá-las em categorias precisas, o que vem reforçar a hipótese de distribuí-las em um macro *continuum* morfossintático, em que, de um lado, situam-se as construções sintáticas e, do outro, as palavras derivadas, prevalecendo a ideia de que não há separação rígida entre os estratos gramaticais. Isso já se aplica à formação de palavras complexas, em que a composição figura em um polo e a derivação, em outro, num *continuum* morfológico composição-derivação (ANDRADE, 2013), aporte teórico utilizado neste trabalho, tendo como referência as formações prototípicas de cada operação morfológica que acessa duas palavras como base.

Muito embora sejam relativamente claras as diferenças entre palavras formadas por composição e por derivação, já que o primeiro processo opera com base em radicais/palavras e o último faz uso de afixos, há construções que, ao contrário, evidenciam a possibilidade de transitar entre suas fronteiras. Evidências disso são as palavras criadas por cruzamento vocabular (doravante CV), que apresentam formativos, cujas características fonológicas, morfológicas e semânticas peculiares não permitem que sejam categorizados nem como afixos nem como radicais prototípicos e que, nos termos de Adams (1973: 143) e Bauer (2005: 104-105), são denominados *splinters*. Esses fragmentos de cruzamentos vocabulares são reinterpretados como formativos em função da recorrência e podem ser iniciais, a exemplo de *caipi* (< *caipirinha*), em *caipivodka*, *caipifruta*, *caipivinho* etc. (ANDRADE, 2013); ou finais, como *-drasta* (< *madrasta*), em *sogradrasta*, *mãedrasta*, *amigadrasta* etc. (RONDININI e ANDRADE, no prelo) e *-iane* (< *falsiane*), em *invejosiane*, *amiguiane*, *intrometiane*, etc. (ANDRADE e RONDININI, 2016).

De acordo com Cannon (1986: 734, tradução nossa),

“os CVs desempenham um importante papel no desenvolvimento de novos afixos. Sendo o *splinter* parte de um CV, interpretado ou não como um afixo, o *splinter* pode estar em vias de se tornar um novo afixo, o que faz do CV um processo produtivo, responsável pelo surgimento de *-burger*, *-cade*, *-mat*, *-rama*, *-tel*, *-teria*, *-(a)thon* e de outros morfemas presos, além de *burger* como um morfema livre”.

Dessa perspectiva, abordaremos, na próxima seção, as principais características do processo de CV, tido muitas vezes como periférico em relação à formação de palavras, por ser regido, sobretudo, pelo princípio de analogia. No entanto, isso não significa que tal mecanismo de combinação de palavras não pode ser sistematicamente analisado, pois, como veremos, apresenta padrões recorrentes e regularidades que lhe concedem autonomia em relação ao processo de composição regular.

Cruzamento Vocabular

Denomina-se de CV uma palavra morfológica, resultante da fusão de duas outras pré-existentes, que, ao mesmo tempo, reproduz e cria significados a partir das palavras que lhe serviram de fonte, como, por exemplo, *baiano* (*baiano* + *mineiro*), *breganejo* (*brega* + *sertanejo*), *chafé* (*chá* + *café*), *marginata* (*marginal* + *magnata*), entre tantas outras.

O primeiro ponto a ser destacado com relação ao processo de CV é que há um debate sobre a posição ocupada por ele nas teorias de formação de palavras, no que diz respeito à produtividade morfológica, discussão que afeta as definições e classificações das palavras resultantes desse mecanismo de formação, e também ajuda a lançar luz sobre as razões da lacuna na literatura acerca do processo.

Não há consenso geral sobre o lugar que o CV deve ocupar na morfologia lexical: se no âmbito da produtividade ou da criatividade morfológica. Alguns estudiosos (BAUER, 1983; CANNON, 1986) consideram o CV um processo produtivo, uma vez que, de acordo com Bauer (2001), um processo produtivo não é necessariamente aquele responsável pela formação de um grande número de palavras, mas também é produtivo pela capacidade de atualizar/renovar constantemente o vocabulário dos falantes de uma determinada comunidade linguística; uns entendem-no como relacionado à criatividade morfológica (ARONOFF, 1976), enquanto outros o excluem de ambas as esferas (p. ex. VAN MARLE, 1985).

Os linguistas divergem “se processos tais como derivação regressiva, conversão (derivação zero), cruzamento vocabular, truncamento, etc., devem ser incluídos na teoria de formação de palavras, e, se assim for, qual é o seu *status* em relação aos principais processos de formação

de palavras” (ŠTEKAUER, 1998: 11, tradução nossa). Por exemplo, Marchand (1969) sustenta que cruzamentos vocabulares são monemas, uma vez que não são analisáveis em termos de morfemas constituintes. Bauer (1983) chama os processos de formação de palavras constituídas de pelo menos um elemento submorfêmico de “imprevisíveis”, dentre eles, o CV, e Aronoff (1976) os rotula de “esquisitices”. Diante da polêmica, Štekauer (1998) decide pela exclusão das expressões lexicais regulares (*collocations*) e das formações não-baseadas em morfemas das abordagens de formação de palavras.

Em língua inglesa, o termo *collocations* refere-se à combinação “ideal” de duas ou mais palavras, ou seja, à melhor combinação semântica de uma palavra com outras, exigida pelo contexto. Por exemplo, todo falante nativo de inglês sabe que para dizer *chá forte*, usa-se a expressão *strong tea*, e não **powerfull tea*, mas, para qualificar um computador como forte, diz-se *powerfull computer* em vez de **strong-computer*. Levando-se em conta o princípio clássico da composicionalidade, segundo o qual o significado das expressões complexas é a soma dos significados de suas partes, combinações lexicais regulares não devem ser confundidas com expressões idiomáticas, porque, embora semelhantes, na medida em que, para veicular o significado esperado, ambas dependem em certo grau da presença de um determinado item lexical, diferentemente do que ocorre com as combinações lexicais regulares. Na construção do significado das expressões idiomáticas nem sempre são acionados os significados prototípicos de seus componentes (cf. CROFT e CRUSE, 2009: 236).

Danks (2003) menciona que Aronoff (1976), mesmo colocando o CV à parte da morfologia lexical, discute elementos como *cran*, *boysen* e *huckle* (presentes em *cranberry*, *boysenberry* e *huckleberry*) em sua teoria morfológica, e, sobre eles, afirma:

“Nenhum desses elementos ocorre de forma independente ou em quaisquer outras palavras. Não há, portanto, modo algum de atribuir significados não-circulares para esses morfemas. Seus significados estão intrinsecamente ligados aos das palavras individuais em que aparecem”(ARONOFF, 1976: 10, tradução nossa).

Aronoff (*op. cit.*) denomina esses itens de morfemas “cranberry”, mas não lhes oferece uma descrição detalhada nem tampouco uma

explicação sobre o escopo das formas que permitem tal rótulo. Entretanto, se Aronoff (1976) incorporou tais morfemas em sua teoria, é possível que *splinters* e, conseqüentemente, os CVs, sejam considerados constituintes morfológicos, embora muito ainda precise ser pesquisado nessa área. Danks (2003) rejeita a posição de Aronoff de que *cran* deve ser analisado como um morfema, pois considera este elemento um *splinter* de *cranberry*, em decorrência, o CV, um processo pertencente à morfologia lexical.

Os CVs revelam criatividade no uso da língua materna e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado que se consegue com a combinação. Quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, não somente são encontrados na linguagem coloquial, humorística e publicitária, mas também na linguagem literária, exprimindo um certo tom de lirismo, a exemplo de *deleitura* (*deleite* + *leitura*) e *falavra* (*fala* + *palavra*). Basta lembrar que um dos primeiros escritores a teorizar sobre os CVs foi Lewis Carroll, ao utilizar o termo *lubriciosos* (tradução livre do inglês *slighly*, cruzamento de *slimy* 'liso' e *lithe* 'ágil, ativo') por meio da famosa personagem Humpty-Dumpty:

“Bem, ‘*lubriciosos*’ significa lúbricos que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... **há dois sentidos embalados numa palavra só**”(CARROLL, Lewis, 1872, grifos nossos).

O fenômeno recebe variadas denominações: Cruzamento Vocabular (SANDMANN, 1989; 1992; 1993; HENRIQUES, 2007; BASILIO, 2003), *Blend* (GONÇALVES, 2003a; 2003b), Palavra-Valise (ALVES, 1994), Mistura (SÂNDALO, 2005), Amálgama (AZEREDO, 2000; MONTEIRO, 2002); Fusão vocabular (BASILIO, 2005; 2010) e *Portmanteau* (PIÑEROS, 2000, 2002; ARAÚJO, 2000). Entretanto, nas últimas três décadas, a maioria dos linguistas utiliza o termo *lexical blending* para denominar o processo, aqui referido por CV.

Seja como for denominado, tem-se um cruzamento vocabular quando duas palavras, pertencentes ou não à mesma classe gramatical, se fundem em um todo fonético, portando apenas um único acento, à semelhança de um composto formado por aglutinação, mas sem, contudo, perder as propriedades semânticas das formas que lhes deram

origem. Segundo Rio-Torto (1998) e Villalva (2000) os compostos aglutinados, constituídos por uma só palavra prosódica, não são produtivos em português, ao contrário dos CVs.

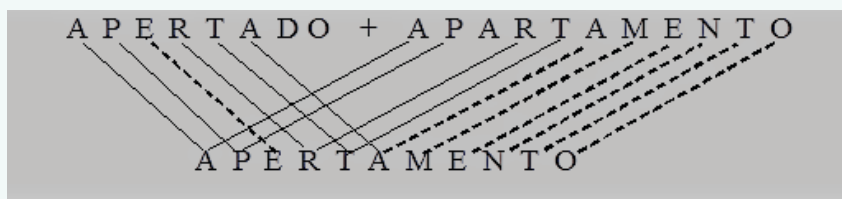
Embora se trate de um processo de aparência arbitrária, em que as bases se combinam aleatoriamente, em oposição ao que prega a maior parte da literatura sobre o assunto, entendemos o CV como um processo regular e passível de sistematização, visto estar subordinado a condições prosódicas, sendo “regido, sobretudo, pela semelhança fônica entre as bases” (GONÇALVES, 2003b: 19).

A nosso ver, um CV é o resultado da combinação de duas bases, com perda ou compartilhamento de elementos em um ponto de fusão/quebra, como ocorre em *selemengo* construída a partir da junção das unidades lexicais básicas *seleção* e *Flamengo*, que perdem, respectivamente, os segmentos *-ção* e *fla-* no ponto de quebra. Assim, uma forma combinada que não tenha compartilhado ou perdido qualquer elemento de origem no ponto de fusão (ainda que tenha perdido elementos de origem em outros lugares) não implicaria uma forma cruzada, como, por exemplo, *linguodental* proveniente da combinação de *lingual* + *dental*, no qual, embora o primeiro elemento sofra perda de material fônico, a junção não se dá exatamente no ponto do recorte, pois há o acréscimo da vogal *-o-* entre os termos constituintes.

Conforme Andrade (2008), pelo processo de CV, novas palavras são cunhadas por meio de três diferentes tipos de operação, a saber: tipo 1 – por interposição (ou entranhamento ou impregnação lexical); tipo 2 – por combinação truncada; e tipo 3 – por substituição sublexical (ou reanálise ou analogia).

O primeiro mecanismo de cruzamento, por interposição lexical, é responsável pela maioria dos cruzamentos. Os CVs desse tipo resultam da interposição de duas bases que compartilham material fonológico, sejam sílabas, rimas (simples ou ramificadas) ou até mesmo porções fônicas sem estatuto próprio, as quais se fundem de tal modo que estabelecem, no nível do vocábulo cruzado, relações de correspondência de um-para-muitos entre os constituintes da forma resultante e das formas de base. A maior ou menor quantidade de material compartilhado está diretamente relacionada ao grau de semelhança fônica entre as palavras-fonte (cf. GONÇALVES, 2003a).

Tomando-se como exemplo o CV *apertamento* (‘apartamento muito pequeno’), formado pelo entranhamento das palavras-base *apertado* e *apartamento*, observa-se a ambimorfemia recorrente nesse padrão de formação, isto é, reciprocidade de um ou mais elementos entre as formas-base e a forma cruzada, conforme a representação a seguir, na qual linhas sólidas indicam segmentos ambimorfêmicos:



Nos CVs do tipo 1, formas sobrepõem-se por partilharem porções fonológicas (segmentos, traços, sílabas) entre as bases e a palavra resultante, para que fique assegurada, dentro do possível, menos opacidade do produto gerado em função das bases. Pertencem a esse grupo de CV, por interposição lexical (tipo 1), formações em que as bases se sobrepõem, a exemplo de *namorido* (*namorado* + *marido*), *marginata* (*marginal* + *magnata*), *burrocracia* (*burro* + *burocracia*), *paitrocínio* (*pai* + *patrocínio*), *aborrescente* (*aborrecer* + *adolescente*), dentre inúmeras outras.

O CV do tipo 2, por combinação truncada, caracteriza-se pela não-coincidência de segmentos entre as suas palavras-base e responde por formações mais isoladas na língua. “Esse processo, que se assemelha, bem mais que o primeiro, à composição, não necessariamente envolve o compartilhamento de material fonológico” (GONÇALVES e ALMEIDA, 2007: 3), mas, certamente, envolve alguma perda de massa fônica e uma sobreposição clara no ponto de fusão. Nesse padrão, constata-se que (a) se as formas de base são do mesmo tamanho, ocorre encurtamento em ambas: *chocotone* (*chocolate* + *panetone*); (b) caso contrário, a base mais extensa é recortada e a menor, sem perder massa fônica, concatena-se inteiramente à maior: *macuncrente* (*macumbeiro* + *crente*) e *forrogode* (*forró* + *pagode*). Em ambos os casos, (a) e (b), a estrutura silábica e/ou os segmentos constituintes do pé métrico da base maior é/são preservado(s).

Por último, tem-se o CV do tipo 3, denominado de substituição sublexical (ou analogia ou reanálise), doravante SSL, que emerge de

um mecanismo no qual uma sequência não-morfêmica de uma dada palavra é reinterpretada como unidade significativa e substituída por outra (GONÇALVES; ANDRADE; ALMEIDA, 2010). Esse tipo de formação nem sempre é considerado um CV, porque, nas palavras de Gonçalves (2003a: 152), cruzamentos “constituem produtos da junção de dois vocábulos em ‘planos alternativos’, ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em ‘planos competitivos’”.

Mais especificamente, nas SSLs, uma porção não-morfêmica da base é promovida à condição de morfema, a exemplo da formação *bruxadrasta*, em que a primeira parte da palavra-alvo *madrasta*, *ma-*, é reinterpretada como um constituinte adjetival, *má*, e, em seguida, oposta ao substantivo adjetivado *bruxa*. Tem-se então, como resultado, a formação analógica *bruxadrasta* para designar, expressivamente, “uma madrastra muito má”. Ao criar/interpretar esse novo vocábulo, o falante/ouvinte acessa o significado das duas formas “concorrentes” (*má* e *bruxa*) para alcançar o objetivo comunicativo pretendido: qualificar/avaliar o referente-alvo (*madrasta*). Embora sejam mais raros os CVs desse tipo, trata-se de um mecanismo que tem levado à produção, em série, de novas entradas lexicais, tais como *boadrasta*, *santadrasta*, *chatadrasta*, *vacadrasta*, entre várias outras, só para citar formações a partir da palavra-alvo *madastra* (ANDRADE, 2008; RONDININI e ANDRADE, no prelo).

Mesmo sendo criados por motivações diferentes, SSLs e CVs (tipo 1 e 2) apresentam o mesmo padrão morfológico, conforme proposta de unificação de Andrade (2008), que, à luz da Teoria da Otimalidade, na sua versão de Correspondência, demonstra, por meio de um *ranking* de restrições violáveis, que se trata de estruturas idênticas, totalmente regulares e gramaticalmente previsíveis.

Entendemos que as formações por SSL se processam, como vimos, em duas etapas: a primeira, em que parte da única palavra-base é reanalisada e promovida a radical, e, por analogia, substituída por uma unidade significativa, que, na etapa subseqüente da operação, passa a funcionar como base; a segunda, em que ocorre o cruzamento, por interposição (tipo 1) *mãedrasta* (*mãe* + *madrasta*) ou por combinação truncada (tipo 2) *boacumba* (*boa* + *macumba*), dessa nova base com a base-alvo.

Seja de que tipo forem, os CVs são produtos de uma operação não-concatenativa, cuja sucessão de bases pode ser rompida, e muitas vezes o é, por sobreposições, dando origem a palavras que condensam o significado de seus constituintes. Portanto, os CVs são construídos por um mecanismo que não opera necessariamente com o encadeamento de porções morfológicas e, por isso mesmo, necessita de informações fonológicas, tais como a posição do acento nas palavras-base, o grau de semelhança fônica e a natureza estrutural da sequência compartilhada entre elas, para que as estruturas prosódica e segmental das bases sejam preservadas.

Além de exercer, nos termos de Basilio (2000), função sobretudo discursiva, o processo de CV desempenha ainda função semântica, ao engendrar unidades lexicais, que, embora, na maioria das vezes, não sobrevivam no código linguístico de uma comunidade, “limitando-se, via de regra, como uma criação artística, carregada de jocosidade, ironia ou despreço, ao momento ou contexto para o qual ou no qual foram criadas” (SANDMANN, 1992: 60), renova o inventário lexical com neologismos institucionalizados, que, muitas vezes, passam a ser registrados nos dicionários, como é o caso de *futevôlei*, *sacolé* e *portunhol*. Portanto, o CV cumpre o papel de denominar e/ou caracterizar seres, ações ou estados – função básica do léxico –, permitindo categorizações cada vez mais particulares.

Os produtos resultantes de CV podem ser reconhecidos como criações autorizadas pelas informações que se tem na memória acerca das entidades envolvidas. Ao mesmo tempo em que traduzem uma maneira criativa de se referir às entidades, objetos, eventos, ações do mundo extralinguístico, funcionam também como uma espécie de avaliação (positiva ou negativa) do falante, com base nos elementos pertinentes à circunstância de interação. O conhecimento da situação e dos episódios do dia a dia são mais significativamente mobilizados na criação e/ou interpretação dos CVs, como se pode observar em “Durante ‘showneral’, Michael Jackson vai levantar e dançar ‘Thriller’ com os zumbis”.²

2. Exemplo extraído de <http://noticias.uol.com.br/monkeynews/ultnot/2009/07/06/ult2529u501.jhtm>. Acesso em 20 de março de 2015.

Segundo Basilio (2003: 1),

“o cruzamento vocabular pode ser considerado como um tipo de composição, na medida em que sua formação envolve duas palavras, e o processo correspondente envolve o mecanismo de formar uma nova palavra cujo significado e forma final decorrem diretamente da combinação de duas palavras”.

Embora defenda que exemplos análogos aos utilizados em seu texto como *enxadachim* (*enxada* + *espadachim*), *presidengue* (*presidente* + *dengue*) e *pitboy* (*pitbull* + *boy*) também admitem outras classificações (trocadilhos, composições e formações analógicas), Basilio (*op. cit.*) aponta a necessidade de se considerar o cruzamento vocabular como um fenômeno distinto das composições em geral, dado que a palavra resultante do cruzamento é sobredeterminada pelas propriedades fonológica e semântica dos constituintes tomados como base. De acordo com a autora, somente a análise de cruzamentos vocabulares como reestruturações morfológicas e integrações conceituais é capaz de captar os elementos simultaneamente necessários para alcançar o efeito expressivo desejado, admitindo que o padrão estrutural da composição exerce importante função nessas construções.

Basilio (2003) levanta a hipótese de os CVs serem baseados numa construção morfológica bem-sucedida que conduz a uma quebra simultânea de expectativas, “na medida em que a reestruturação morfológica força uma reestruturação conceitual” (BASILIO, 2003: 2). Desse modo, as melhores formas de CV são aquelas em que “a projeção conceitual a ser reestruturada vai por um caminho não apenas inesperado mas insólito, embora inexorável” (*loc. cit.*).

Quanto à distinção entre cruzamento e composição, a autora prefere assumir a posição de que “a separação ou não dos fenômenos é de caráter terminológico e pode depender dos objetivos da descrição, para a qual a relevância maior estará nos pontos de semelhança ou nos pontos de diferença” (BASILIO, *loc. cit.*) e ocupa-se, sobretudo, da descrição de padrões apresentados pelos diferentes tipos de cruzamento.

Do ponto de vista fonológico, a autora concorda com a argumentação quanto à relevância de o processo de CV ser não-concatenativo. Contudo, sob o prisma morfológico lexical, defende que, se o compa-

ramos com a derivação e a composição, em relação à possibilidade de emergência de significado, a composição e o CV ficarão de um lado e a derivação de outro, graças ao teor semântico pré-determinado característico das formações derivadas, ao contrário das compostas.

Para Basilio (2003), as diferenças entre CV e composição ficam reduzidas pelo fato de a grande maioria dos CVs reestruturar morfológicamente apenas uma das bases, aproveitando a configuração geral da outra, e de apresentar, na maior parte das vezes, o elemento predicador na primeira parte da palavra resultante, e, na segunda, o elemento qualificado, a exemplo de *boilarina* (*boi* + *bailarina*) e *macarronese* (*macarrão* + *maionese*), à semelhança aos compostos neoclássicos de base presa (p. ex. *agrotóxico*, *lipoaspiração*, *eco-sistema* etc.).

A esse processo morfológico, em que a combinação de duas bases – a interferente e a hospedeira – resulta da incorporação integral do significante, sempre de caráter predicador, da interferente na hospedeira, que, mesmo sofrendo encurtamento, mantém a sua integridade denotativa, a autora (*op. cit.*) denomina de recomposição. Assim, em *tristemunho*, *triste-* qualifica *testemunho*, e *-munho* representa *testemunho* na recomposição. O mesmo ocorre em *chafé* (*chá* + *café*), *cariocatura* (*carioca* + *caricatura*), *burocracia* (*burro* + *burocracia*) etc.

Contudo, a nosso ver, as formações referidas anteriormente são exemplares típicos de CV (do tipo 1), pois entendemos recomposição como um processo concatenativo, em que as formas-base – no caso, a encurtada e a integral – se justapõem linearmente, sem que haja perda de alinhamento de suas fronteiras no produto final; além disso, elementos não-morfêmicos jamais constituem bases encurtadas no processo de recomposição, a exemplo de *telenovela* (*televisão* + *novela*).

Basilio (2005: 4) ressalta ainda a existência de um grupo de palavras problemático quanto à estruturação mórfica, com função mais descritiva que avaliativa, que parece ser formado pela combinação de partes de duas bases, seguindo a definição de Bauer (1988). Incluem-se, nesse grupo, palavras do tipo *lambaeróbica* (*lamba(da)* + *aeróbica*) e *portunhol* (*portu(guês)* + (*espa*)*nhol*), cujas bases são abreviadas em pontos considerados, pela autora, imprevisíveis.

Em suma, para Basilio, existem dois mecanismos distintos de cruzamento vocabular: um, por incorporação predicativa, e outro, por

combinação de partes de palavras. O primeiro mecanismo, que a autora prefere denominar de fusão vocabular, e, em trabalho posterior (2010), o batizou de *fuve* (fusão vocabular expressiva), refere-se às formações em que se verifica

“interposição de uma forma sobre a outra, na qual uma alteração fonológica mínima permite ativar ambas, a hospedeira e a predicativa simultaneamente, daí resultando uma força expressiva maior na predicação”. (BASILIO, 2005: 5).

Com relação às *fuves*, em específico, Basilio (2010) refuta as definições de Bauer (1988) e de Kemmer (2003), que consideram o cruzamento vocabular, diferentemente da composição, uma combinação de partes de palavras, mas, nessa combinação, só predominam as propriedades fonológicas em detrimento da estrutura morfológica. Para ambos os autores, o traço caracterizador comum de uma fusão vocabular é a perda da expressão fonológica de pelo menos um de seus elementos formadores.

De uma perspectiva cognitivista, em que o léxico é compreendido como um conjunto de construções morfológicas representadas por esquemas ou padrões regulares, Basilio (2010) empreende uma análise diferenciada para as *fuves*, e sustenta, com argumentos concludentes, que

“(a) fusões vocabulares expressivas são feitas de lexemas integrais, e não de partes de lexemas; portanto, não devem ser confundidas com cruzamentos vocabulares em geral; (b) o esquema que se abstrai das *fuves* é produtivo tanto em português quanto em inglês; e (c) o aspecto mais relevante das fusões vocabulares expressivas é a criatividade”. (BASILIO, 2010: 208).

O segundo mecanismo de cruzamento referido por Basilio (2003) diz respeito à junção de partes de duas ou mais palavras (cf. BAUER, 1988), resultando uma outra palavra, cujo conteúdo referencial surge da combinação dos significados das partes selecionadas, à semelhança, como vimos, de um cruzamento truncado (tipo 2).

Ainda que o cruzamento vocabular tenha dois padrões estruturais, em essência, distintos, a autora admite que ambos devem ser investigados como processos morfológicos, tais como a sufixação, a

composição, a prefixação, já que também são mecanismos disponíveis na língua para formar novas palavras, cujo valor expressivo resulta da integração fonológica que espelha e reforça a integração conceptual entre as palavras pré-existentes envolvidas.

Por se tratar de um fenômeno linguístico de uso frequente entre os falantes de língua materna, sobretudo em situações comunicativas mais informais, diferente talvez do que ocorra em situações de maior formalidade, o CV merece a atenção por parte dos estudiosos, com a finalidade de atribuir, de modo mais contundente, o lugar desse processo que opera com a associação formal e conceptual inédita de palavras.

Palavras finais

Como observamos ao longo do texto, a fronteira entre a composição e o cruzamento não é passível de delimitação precisa, visto que alguns aspectos pesquisados conduzem ao entendimento de um processo único em atividade, e vários outros levam a uma distinção processual, em grande medida, transparente. No que se refere à presença de elementos-cabeça, por exemplo, os CVs, assim como os compostos regulares, podem apresentar uma sequência que representa a cabeça lexical em construções de estrutura determinante-determinado, como ocorre em *boilarina* (*boi* + *bailarina*); *capestrocínio* (*capas* + *patrocínio*); em padrões estruturais determinado-determinante: *caligrafeia* (*caligrafia* + *feia*); *estrogobofo* (*estrogonofo* + *bofo*); ou com dupla cabeça: *abreijos* (*abraços* + *beijos*); *cariúcho* (*carioca* + *gaúcho*).

Já em relação à cabeça semântica, de um modo geral, os CVs são endocêntricos, pois, graças à fusão eminente de suas bases, impõem uma leitura/interpretação composicional, uma vez que expressam, predominantemente, atitude avaliativa do falante em relação ao referente: *boadrasta* (*boa* + *madrasta*), *marginata* (*marginal* + *magnata*), *chocolícia* (*chocolate* + *delícia*), entre muitos outros. Sob esse enquadre, os compostos regulares, por justaposição, afastam-se dos CVs, pois, ao contrário destes, podem dissociar-se, total ou parcialmente, dos significados de seus componentes, a exemplo do composto semanticamente exocêntrico *pé-de-moleque* e do endocêntrico *pele-vermelha* respectivamente.

Do ponto de vista morfológico, identificamos mais uma gradação entre a composição e os tipos de cruzamento vocabular: os CVs por combinação truncada do tipo 2 (*brasiguaio* < *brasileiro* + *paraguaio*) aproximam-se bem mais da composição regular do que os do tipo 1, por interposição lexical (*criança* < *criança* + *onça*). Com relação às propriedades morfossintáticas, os compostos pós-lexicais, na terminologia de Lee (1997), caracterizam-se pela peculiaridade de admitir processos morfológicos no primeiro componente, como se verifica em *tatuS-bola* (flexão de plural) e *tatuZINHO-bola* (derivação por acréscimo de sufixo), enquanto os vocábulos cruzados, bem como os compostos lexicais (nos termos do autor), não os permitem.

Ao constatarmos, ainda, o fato de que os compostos justapostos podem carregar dois acentos (o primário e o secundário), enquanto palavras resultantes de CV portam apenas um, identificamos outra relevante diferença, agora no âmbito fonológico, que promove um afastamento ainda maior entre as formações provenientes desses processos. Cabe aqui o registro de que não consideramos, no presente cotejo, a composição por aglutinação, que, por ser improdutiva, representa o argumento final a favor do referido distanciamento.

Em virtude do conjunto de fatores apresentado, cogitar uma classificação, considerando apenas os representantes prototípicos de cada operação, parece não ser o mais adequado à realidade lexical, que experimenta mutações constantes. Esse cenário mostra-se propício à criatividade inerente às formações por CV, processo que vem conquistando relevância entre os mecanismos morfológicos de ampliação lexical, não só por sua produtividade vocabular, mas também pelo quantitativo de *splinters* (BAUER, 2005) gerados e reutilizados, com frequência, em novas formações.

Por fim, a discussão de o CV ser um processo diferenciado de formação de palavras, distinto da composição ou, ao contrário, tratar-se de um tipo especial de composição corrobora a arquitetura do *continuum* composição-derivação nos moldes de Andrade (2013), por nós aqui adotado, em que se analisam os fenômenos a partir de semelhanças e diferenças, considerando-os operações morfológicas gradientes e não estanques. Mesmo que o CV transite entre os dois polos desse *continuum*, visto ora figurar mais próximo à composição, ora, à derivação;

isso, de modo algum, compromete a sua autonomia como processo de formação de palavras. Assim, por entendermos que o cruzamento vocabular possui características próprias e suficientes que o diferem da composição, ele pode e deve ocupar um lugar demarcado entre a composição e a derivação, deixando de ser avaliado como um subtipo da composição regular.

Recebido em abril de 2016

Aprovado em outubro de 2016

E-mails: kemmericka@yahoo.com.br

robertorondinini@hotmail.com

Referências bibliográficas

- ADAMS, Valerie. 1973. *An introduction to modern English word formation*. London: Longman.
- ALVES, Ieda Maria. 1994. *Neologismo: Criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- ANDRADE, Katia Emmerick. 2013. Proposta de um *Continuum* Composição-Derivação para o Português do Brasil. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/AndradeKE.pdf>
- _____. 2008. Uma Análise Otimalista Unificada para as Mesclas Lexicais do Português do Brasil. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/AndradeKE.pdf>
- _____; RONDININI, Roberto Botelho. 2016. As “ianes” do porão: análise morfo-pragmática das atuais construções X-iane. *Revista Scripta*, [S.l.], v. 20, n. 38, p. 121-147. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11563>>.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes. 2000. Morfologia não-concatenativa: os *portmanteaus*. Campinas: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 39. Disponível em <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2711>
- ARONOFF, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge/Massachussetts: The MIT Press.
- AZEREDO, José Carlos de. 2000. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- BASILIO, Margarida. 2010. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, p. 201-210. Disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/25-textos-seleccionados/15-Margarida%20Basilio.pdf>
- _____. 2005. Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*.
- _____. 2003. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. Apresentação de trabalho. XII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro, mimeo.
- _____. 2000. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática.
- BAUER, Laurie. 2005. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, Wolfgang; KASTOVSKY, Dieter; PFEIFFER, Oskar; RAINER, Franz. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108.
- _____. 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- _____. 1983. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BISETTO, Antonietta; SCALISE, Sergio. 2005. The classification of compounds. *Lingue e Linguaggio* 2, p. 319-332. Disponível em <http://morbocomp.sslmit.unibo.it>
- BOOIJ, Geert. 2009. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2005. Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, Wolfgang; KASTOVSKY, Dieter; PFEIFFER, Oskar; RAINER, Franz. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 109-132.
- CANNON, Garland. 1986. Blends in English word formation. *Linguistics* 24, p. 725-753.
- CARROLL, L. [1872]2002. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 206.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. 2009. *Cognitive linguistics*. Cambridge: University of Cambridge Press.
- DANKS, Debbie. 2003. *Separating Blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word*

- formation processes*. University of Liverpool. Disponível em http://rdues.bcu.ac.uk/publ/Debbie_Danks_Thesis.pdf
- FARIA, André Luiz. 2011. Motivação Morfossemântica das Construções Compostas N-N no Português Brasileiro. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/FariaAL.pdf>
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. 2003a. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos e formação. In: MOLLICA, Maria Cecília Magalhães; RONCARATI, Claudia (org.). *Anais do III Congresso da Abralin*. Niterói: UFF – Centro de Estudos Gerais, v. 1, p. 824-831.
- _____. 2003b. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo62.pdf>
- _____; ANDRADE, Katia Emmerick. 2012. El *status* de los componentes morfológicos y el *continuum* composición-derivación en portugués. *Linguística* (Madrid), 28 (2), p. 119-145. Disponível em http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/28_linguistica_119_145.pdf
- _____; ANDRADE, Katia Emmerick; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. 2010. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/>
- _____; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. 2007. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia da U.C.P.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. 2007. *Morfologia*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- HOUAISS, Antônio. 2009. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, CD-ROM.
- JACKENDOFF, Ray. 1975. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language* 51, p. 639-671. Disponível em http://www.jstor.org/stable/412891?seq=1#page_scan_tab_contents
- KASTOVSKY, Dieter. 2009. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et alii (eds.), *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*.

- Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13. Disponível em <http://www.lingref.com/cpp/hel-lex/2008/paper2161.pdf>
- KEMMER, Suzanne. 2003. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, Hubert; BERG, Thomas; DIRVEN, René; KLAUS-WUE, Panther (orgs.). *Motivation in Language*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LEE, Seung-Hwa. 1997. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000095991>
- _____. 1995. Sobre os compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 3, n.1.
- MARCHAND, Hans. 1969. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck.
- MONTEIRO, José Lemos. 2002. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Pontes.
- MORENO, Cláudio. 1997. Morfologia nominal do Português: um estudo de fonologia lexical. Tese de doutoramento em Linguística Aplicada. Porto Alegre: PUCRS.
- PIÑEROS, Eduardo. 2002. The creation of portmanteaus in the extragrammatical morphology of Spanish. Disponível em <https://researchspace.auckland.ac.nz/handle/2292/10898>
- _____. 2000. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. Disponível em <http://roa.rutgers.edu/files/343-0999/343-pineros-0-0.pdf>
- RIO-TORTO, Graça Maria. 1998. Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português. Lisboa: Porto.
- _____; RIBEIRO, Sílvia. 2011. Compounding in contemporary Portuguese. *Probus*. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15281/1/GRT%26SR%20compoundin%20contemp.%20portuguese.pdf>
- RONDININI, Roberto Botelho. 2004. Formações X-ólogo e X-ógrafo em português: uma análise derivacional. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- _____; ANDRADE, Katia Emmerick. 2016. Um “sufixodrasta”? Estudo das formações X-drasta(o) no Português do Brasil. In: VILLALVA, Alina; SOUZA, Edson Rosa de. (Orgs.). *Estudos de morfologia: recortes e abordagens*. São Paulo: Mercado de Letras, 2016. (no prelo).
- SÂNDALO, Maria Filomena Spatti. 2005. Morfologia. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, p. 181-206.
- SANDMANN, Antônio José. 1993. *Morfologia geral*. 2. ed., São Paulo: Contexto.

- _____. 1992. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto.
- _____. 1989. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et labor; Ícone.
- SANTOS, Antonia Vieira dos. V. 2009. Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (secs. XII-XVI). Tese de Doutorado em Letras e Linguística. Salvador: UFBA/ Instituto de Letras. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11221>
- SCALISE, Sergio; FABREGAS, Antonio; FORZA, Francesca. 2009. Exocentricidade na composição. Tóquio: *GengoKenkyu*, 135, p. 49-84.
- ŠTEKAUER, Pavol. 1998. *An Onomasiological Theory of English Word-Formation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- VAN MARLE, Jaap. 1985. On the Paradigmatic Dimension of Morphological Creativity. *LanguageSciences*, 18, Dordrecht: Foris.
- VIGÁRIO, Marina. 2002. *Prosodic word in european portuguese*. Coimbra: Almedina.
- VILLALVA, Alina. 2000. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.